Clarice Lispector: bem perto do coração selvagem da vida

Ivana Barreto

Nítida consciência de que as palavras apenas mostram a experiência; não constituem a experiência: assim, é possível sintetizar a preocupação que norteou Clarice Lispector em sua trajetória como ser humano e no caminho que escolheu para construir sua obra. Tanto na ficção – seus contos e romances são uma prova cabal – como na incursão no universo jornalístico – suas crônicas constituem também provas incontestáveis – a tematização da escrita, da palavra, foi a principal e mais constante entre todas aquelas que, como autora, empreendeu. Em seus romances, contos, crônicas e até nas cartas que trocou com leitores e amigos – que não foram poucos – Clarice sempre tematizou a questão da linguagem.

Dos textos publicados no *Jornal do Brasil* entre os anos de 1967 e 1973, reunidos no volume *A descoberta do mundo* – e muitos deles são trechos de romances e de contos da autora – Clarice repetidas vezes trouxe a escrita como tema de suas conversas com os leitores. Afinal, todas as vezes que falava da vida, falava da escrita e vice-versa, já que para ela vida e linguagem eram indissociáveis.

Neste contexto, não tem relevância comprovar a veracidade das cartas e dos leitores aos quais Clarice Lispector se referia em sua coluna, não sendo importante verificar se eles realmente existiram. O que importa, por sua vez, é reconhecer que na obra clariciana tudo faz parte de um

grande e contínuo jogo ficcional: as cartas, os leitores e até mesmo ela própria. Todos são personagens neste jogo que, Clarice tinha convicção, nunca abrangeria ou corresponderia à vida.

Com o estudo dos textos publicados na mídia, verifica-se que, mesmo quando os leitores foram criação da autora, eles sempre constituíram condição primeira na sua ficção e na sua vida. Foi do diálogo estabelecido com eles que ela retirou material para a sua ficção e mesmo para o aprofundamento de determinadas questões, também recorrentes em sua obra: o amor, a vida, a morte, o mistério dos seres e das coisas, o grande sentimento de solidão. Dessa forma, reafirma-se aqui que a relação amorosa se tornou viável, para Clarice, a partir do encontro definitivo que teve com seus leitores.

E quem foi leitor de Clarice Lispector? O universo dos leitores de Clarice abrangeu dos mais anônimos vizinhos ao mais ilustre compositor da MPB, como Chico Buarque, sem esquecer, por exemplo, dos mestres da literatura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. Também foram seus leitores os amigos mais íntimos, as irmãs, as empregadas, o médico de uma de suas empregadas e seu próprio psiquiatra, Dr. Azulay. Diante de um conjunto tão variado de pessoas e perfis, pode-se entender que seu público leitor foi eclético e tinha como característica principal a capacidade de poder fazer os signos de sua escrita incomum se revelarem.

Clarice Lispector sempre declarou ter sido leitora compulsiva, aquela leitora que lia de tudo: bulas de remédio, santinhos, grandes clássicos da literatura. Talvez, esteja aí a explicação para este conjunto amplo e variado que abrange os seus leitores. Embora autora de um texto nada óbvio, não cronológico e descompromissado com o tempo linear surgido após a Revolução Industrial, Clarice foi acessível aos mais variados perfis de leitores. Enfim, para ser leitor de Clarice Lispector bastava, como já dito, comungar suas experiências, as mais difíceis e repugnantes talvez, como no caso de *A paixão segundo G.H.*. Para ser leitor de Clarice Lispector era preciso habitar o tempo que ela instaurou em seus textos: o tempo cíclico. O tempo das estações, diferente da noção de tempo inventada pelo capitalismo: o tempo linear. Este, representa o que passa e não volta, e que aos poucos vai sendo incorporado à rotina das pessoas. O tempo irreversível, que faz todos desejarem viver cada minuto como se fosse o último.

E como era a relação de Clarice Lispector com seus leitores? Mesmo considerando a hipótese destes leitores terem sido, muitas vezes, criados pela autora, a relação desenhou-se em um tom de intimidade e constância. Era como a um confidente que ela se dirigia àqueles que liam seus textos semanalmente. Pessoas às quais confidenciava dificuldades cotidianas, que incluíam as angústias de uma mulher às voltas com problemas domésticos. Pessoas às quais confiava, ainda, suas profundas angústias em relação à vida e ao doloroso e difícil processo da escrita. Embora tenha sido constante a presença das mulheres no universo dos leitores claricianos, os homens também foram parceiros fiéis e constantes.

Mesmo reconhecendo o fato de que foi a necessidade de sobrevivência a motivadora de sua experiência na mídia impressa, Clarice Lispector se empenhou na sua relação com os leitores. E até mesmo diante do reconhecimento da própria autora de que não se preocupava muito com os textos a serem publicados no *Jornal do Brasil,* pois pretendia aproveitar trechos do volume de contos *Felicidade clandestina,* que obteve pouca repercussão junto ao público, para ela o leitor sempre mereceu sua atenção. Era ele seu confidente; era ele com quem desabafava sobre os momentos de repressão pelo qual o Brasil passava no final dos anos 1960 e início dos 1970.

Assim como o parceiro – quando pensamos na relação amorosa homem/mulher – pode ser fictício, criado por quem deseja e precisa da presença do outro, o leitor também pode ter sido criado, em várias situações, a partir de uma necessidade da alteridade. Contudo, não se deve esquecer que vários leitores realmente existiram e participaram ativamente da vida e da obra de Clarice. É o caso de Lúcio Cardoso, amigo fiel e apontado como possível paixão platônica de Clarice. E também Olga Borelli, que ajudou a autora na organização do material de um de seus últimos livros.

Ainda com relação à sua experiência em jornal, fica visível o "arejamento" verificado em seus textos. Por serem possivelmente apenas trechos de romances ou contos, possibilitavam ao leitor mais apressado dos periódicos uma leitura mais leve, por partes, em gotas. Textos que não podem ser aprisionados em um gênero específico. Até porque a própria conceituação da crônica dá margem a alguns questionamentos. Por isso, é mais adequado denominar o material publicado na imprensa simplesmente de textos, ou quase crônicas, ou quase contos.

Além disso, quando se trata de Clarice Lispector qualquer tentativa de fechá-la em classificações ou denominá-la com rótulos se revelará infrutífera. Afinal, ela pode ser traduzida como uma autora fugidia, que ora afirmava, ora negava o que haviam dito ou publicado a seu respeito. Ela mesma, não se pode esquecer, alertou seus leitores para que não confiassem nela ou naquilo que criava a partir das suas sensações do mundo e das pessoas.

Foi por considerar a palavra sua "quarta dimensão", quase física, quase materialidade, e acima de tudo por respeitá-la, que Clarice Lispector acabou por sacrificar os elementos narrativos em favor do depoimento psicológico e estético. Com isso, trouxe qualidade artesanal e intensidade de percepção para o romance e o conto, desde o seu aparecimento na cena literária brasileira, com *Perto do coração selvagem.* Por isso, em Clarice nunca parece falsa ou gratuita a busca que empreende envolvendo um trabalho de subjetivação da realidade, pela absorção crescente do tu pelo eu. Em Clarice, todo trabalho empreendido decorreu da sua necessidade de manusear e expor a um universo maior possível de leitores seu grande tema: a linguagem.

Para ela, viver, amar, escrever representava criar linguagem. Foi por isso que fez Lóri, em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres,* se servir do método mais radical de aprendizagem: o exercício da vida. Mas para isso, precisou Lóri ultrapassar seu maior obstáculo, que era ela própria e, no caminho em direção a Ulisses, seu mediador para a compreensão do mundo, recolher as lições até o encontro total com a graça, a alegria. Contudo, com a penosa e alegre história de Lóri, Clarice, mais do que uma história de amor, do que o encontro linear de duas pessoas, nos apresenta o amor enquanto revelação do mundo, instauração da linguagem. Linguagem que não está no homem, mas que é o homem.

Publicado em 1969, *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* conta a história de Lorely, apelido Lóri, e de Ulisses, professor de filosofia. Depois de abandonar a casa dos pais, em Campos, a jovem vem para o Rio de Janeiro em busca de uma liberdade maior. Clarice constitui a personagem com o anseio que é a busca do mundo feminino: a procura da liberdade e, mais que isso, da aprendizagem do prazer. Como destaca Silvia Perlingeiro, na apresentação da 19ª edição do romance:

> Na busca de Lóri está presente a grande questão que atormenta o ser humano desde sempre: a questão da identidade, do quem sou eu. E essa problemática é mais acentuada ainda na mulher, por ter sido vedado a ela o acesso ao discurso. Sujeita a se olhar conforme a ótica masculina, é difícil para a mulher se ver como pessoa individualizada.[1]

Em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres,* publicado dois anos após a estréia de sua coluna semanal, Clarice faz de Lóri porta-voz de suas próprias experiências e impressões. A crônica "Enquanto vocês dormem" (*JB*, 18.05.68) ressurge com pequenas modificações no romance. Nele, Clarice transfere para Lóri sua experiência durante uma noite insone. A diferença é que, na crônica, a autora se dirige aos seus leitores, que estariam dormindo naquele momento. Ao usar a primeira pessoa, que se dirige ao leitor, promove o citado arejamento no texto, aproximando-o do leitor:

> Tomei uma xícara de café, já que não ia dormir mesmo. Botei açúcar demais e o café ficou horrível. Ouço o barulho das ondas do mar se quebrando na praia. Esta noite está diferente porque, enquanto vocês dormem, estou conversando com vocês. Interrompo, vou ao terraço, olho a rua e a nesga de praia e o mar. Está escuro. Tão escuro. Penso em pessoas de quem eu gosto: estão todas dormindo ou se divertindo. É possível que algumas estejam tomando uísque. Meu café então se transforma em mais adocicado ainda, em mais impossível ainda. E a escuridão se torna tão maior. Estou caindo numa tristeza sem dor. Não é mau. Faz parte. Amanhã provavelmente terei alguma alegria, também sem grandes êxtases, só alegria, e isto também não é mau. É mas não estou gostando muito desse pacto com a mediocridade de viver.[2]

No romance, assim aparece o texto, com Lóri ocupando o lugar de Clarice na mesma noite insone:

> Já que não tinha sono, foi à cozinha esquentar o café. Pôs açúcar demais na xícara e o café ficou horrível. Isto levou-a a uma realidade mais cotidiana. Descansou um pouco de ser. Ouvia

> o barulho das ondas do mar de Ipanema se quebrando na praia. Era uma noite diferente, porque enquanto Lóri pensava e duvidava, os outros estavam dormindo. Foi à janela, olhou a rua com seus raros postes de iluminação e o cheiro mais forte do mar. Estava escuro para Lóri. Tão escuro. Pensou em diversas coisas: estavam dormindo ou se divertindo. Algumas estavam tomando uísque. Seu café então se transformou em mais adocicado ainda, em mais impossível ainda. E a escuridão dos solitários se tornou tão maior. Estava caindo numa tristeza sem dor. Não era mau. Fazia parte, com certeza. No dia seguinte provavelmente teria alguma alegria, também sem grandes êxtases, só um pouco de alegria, e isto também não será mau. Era assim que ela tentava compactuar com a mediocridade de viver.[3]

Embora o nome Lóri não apareça em nenhuma das crônicas, vários trechos do livro aparecem quase sem modificação no *JB,* com o seguinte subtítulo: "trecho".

Na crônica "Estado de graça - trecho" (*JB,* 06.04.68), se dirigindo em primeira pessoa aos seus leitores, Clarice escreve o texto a seguir, reproduzido parcialmente. Ao final, ela faz a observação de que estava solidária, de corpo e alma, com a tragédia dos estudantes do Brasil. Esta observação é, sem dúvida, uma forma de estreitar o vínculo com o leitor, emprestando leveza ao texto:

> Quem já reconheceu o estado de graça reconhecerá o que vou dizer. Não me refiro à inspiração, que é uma graça especial que tantas vezes acontece aos que lidam com a arte.
> O estado de graça de que falo não é usado para nada. É como se viesse apenas para que se soubesse que realmente se existe. Nesse estado, além da tranqüila felicidade que se irradia de pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve porque na graça tudo é tão, tão leve. É uma lucidez de quem não adivinha mais: sem esforço, sabe. Apenas isto: sabe. Não perguntem o quê, porque só posso responder do mesmo modo infantil: sem esforço, sabe-se.

> E há uma bem-aventurança física que à nada se compara. O corpo se transforma num dom. E se sente que é um dom porque se está experimentando, numa fonte direta, a dádiva indubitável de existir materialmente.
> No estado de graça vê-se às vezes a profunda beleza, antes inatingível, de outra pessoa. Tudo, aliás, ganha uma espécie de nimbo que não é imaginário: vem do esplendor da irradiação quase matemática das coisas e das pessoas. Passa-se a sentir que tudo que o existe – pessoa ou coisa – respira e exala uma espécie de finíssimo resplendor de energia. A verdade do mundo é impalpável.
> Não é nem de longe o que mal imagino deva ser o estado de graça dos santos. Esse estado jamais conheci e nem sequer consigo adivinhá-lo. É apenas o estado de graça de uma pessoa comum que de súbito se torna totalmente real porque é comum e humana e reconhecível.[4]

No trecho reproduzido, percebe-se a substituição de Lóri (3ª pessoa) pela voz da própria Clarice (1ª pessoa), um recurso que a autora utilizava quando se tratava de material a ser publicado na imprensa. Também ocorre a atualização do tema, a partir de sua ligação com um fato da época (no exemplo citado, os efeitos dos tempos difíceis da ditadura sobre os estudantes). Sem dúvida, o que os jovens experimentavam naquele conturbado período estava longe do "estado de graça" a que se refere Clarice no romance. Em contraponto com a situação ordinária do período ocorre a atualização que a crônica, a meio caminho do jornalismo e da literatura, exige.

O mesmo trecho aparece da seguinte forma no romance, desta vez como sentimento experimentado por Lóri:

> Só quem já tivesse estado em graça, poderia reconhecer o que ela sentia. Não se tratava de uma inspiração, que era uma graça especial que tantas vezes acontecia aos que lidavam com arte.
> O estado de graça em que estava não era usado para nada. Era como se viesse apenas para que se soubesse que realmente se existia. Nesse estado, além da tranqüila felicidade que se irra-

> diava de pessoas lembradas e de coisas, havia uma lucidez que Lóri só chamava de leve porque na graça tudo era tão, tão leve. Era uma lucidez de quem não adivinha mais: sem esforço, sabe. Apenas isto: sabe. Que não lhe perguntassem o que, pois só poderia responder do mesmo modo infantil: sem esforço, sabe-se.
> E havia uma bem-aventurança física que a nada se comparava. O corpo se transformava num dom. E ela sentia que era um dom porque estava experimentando, de uma fonte direta, a dádiva indubitável de existir materialmente.
> No estado de graça, via-se a profunda beleza, antes inatingível, de outra pessoa. Tudo, aliás, ganhava uma espécie de ninho que não era imaginário: vinha do esplendor da irradiação quase matemática das coisas e das pessoas. Passava-se a sentir que tudo o que existe – pessoa ou coisa – respirava e exalava uma espécie de finíssimo resplendor de energia. Esta energia é a maior verdade do mundo e é impalpável.
> Nem de longe Lóri podia imaginar o que devia ser o estado de graça dos santos. Aquele estado ela jamais conhecera e nem sequer conseguia adivinhá-lo. O que lhe acontecia era apenas o estado de graça de uma pessoa comum que de súbito se torna real, porque é comum e humana e reconhecível e tem olhos e ouvidos para ver e ouvir.[5]

Outras crônicas em que aparecem trechos inteiros de *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* são: "A alegria mansa" (*JB*, 04.05.68); "A volta ao natural" (*JB,* 04.05.68); "Ritual – trecho" (*JB,* 27.07.68); "Trecho" (*JB,* 09.11.68).

Em "A alegria mansa - trecho", Clarice fala para seus leitores, em primeira pessoa, do que, no romance, o narrador descreve como o sentimento de Lóri antes do encontro definitivo com Ulisses:

> Pois a hora escura, talvez a mais escura, em pleno dia, precedeu essa coisa que não quero sequer tentar definir. Em pleno dia era noite, e essa coisa que não quero ainda tentar definir é uma luz tranqüila dentro de mim, e a ela chamariam de alegria, alegria mansa. Estou um pouco desnorteada como se um

> coração me tivesse sido tirado, e em lugar dele estivesse agora a súbita ausência, uma ausência quase palpável do que era antes um órgão banhado da escuridão diurna da dor. Não estou sentindo nada. Mas é o contrário de um torpor. É um modo mais leve e mais silencioso de existir.
> Mas estou também inquieta. Eu estava organizada para me consolar da angústia e da dor. Mas como é que me consolo dessa simples e tranqüila alegria? É que não estou habituada a não precisar de consolo. A palavra consolo aconteceu sem eu sentir, e eu não notei, e quando fui procurá-la, ela já se havia transformado em carne e espírito, já não existia mais como pensamento.
> Vou então à janela, está chovendo muito. Por hábito estou procurando na chuva o que em outro momento me serviria de consolo. Mas não tenho dor a consolar.[6]

Como ressalta Lícia Manzo:

> De qualquer forma, o intercâmbio entre o material apresentado nas crônicas e nas páginas do romance é tão intenso que torna-se impossível pensar em um sem levar em consideração o outro. Do mesmo modo que, como acontecera anteriormente com outros personagens, é impraticável pensar em Lóri, desprezando as experiências pessoais de Clarice Lispector.[7]

Outro texto do livro que aparece no Jornal, sob o título "As águas do mar" (*JB,* 13.10.73), é a experiência de Lóri diante do mar, na verdade uma maneira que Clarice Lispector encontrou para falar do encontro da mulher, do ser humano diante do desejo:

> Aí está ele, o mar, a mais ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos. Ela e o mar.
> Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se

> entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões.
> Ela olha o mar, é o que pode fazer. Ele só lhe é delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da terra.[8]

Para confirmar a estreita relação entre a experiência da personagem Lóri e as sensações guardadas na memória da autora observa-se que, em *A descoberta do mundo,* o texto "Banhos de mar" (*JB,* 25.01.69) revela que Clarice, na sua infância no Recife, era levada pelo pai, como em um ritual, aos banhos de mar. Apenas para destacar algumas semelhanças, a experiência de Lóri com o mar ocorreu às seis horas da manhã, assim como a da menina Clarice aconteceu também antes do sol nascer:

> Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.
> Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes do sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente inaudito em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?[9]

Como Clarice, Lóri é uma mulher solitária, incapaz de se dar aos outros, distante do mundo e vivendo em um certo isolamento. Contudo, parece que a autora resolveu dar a ela o "final feliz", encontrando-se e encontrando o amor a partir do aprendizado com Ulisses. O aprendizado de sua personagem vem a partir das simples experiências, como entrar no mar ou sentir os cheiros do dia a dia, do mesmo modo que para Clarice. Também os cenários do romance são os mesmos descritos por Clarice nas crônicas do *JB.* Novamente recorrendo a Lícia Manzo: "Lóri irá descortinar a vida nas areias de Copacabana, nas ruas antigas do bairro da Glória, nas esquinas do centro, em Santa Thereza, no Museu de Arte Moderna, sendo comum a ambas a passagem por Berna e Paris.[10]

Merece ainda destaque quando se trata da ligação inconteste entre a voz de Clarice e a voz das personagens que criou, a referência à dor de que ambas foram feitas. Contudo, se para Lóri, Ulisses representou a saída da

dor e do mundo sombrio, para Clarice as palavras, a linguagem e o diálogo com seus leitores representaram a possibilidade da saída da terra das sombras. Ambas, Lóri e Clarice, vieram de terras distantes para habitar o espaço da cidade grande. Guardadas as devidas proporções, é claro, uma vez que a personagem veio do interior do estado, da cidade de Campos, para o Rio de Janeiro, enquanto Clarice da longínqua Ucrânia, passando pelo Recife, onde viveu a infância:

> Mas também nisso poderia falhar: era agora uma mulher de grande cidade mas o perigo é que havia uma forte herança agrária vinda de longe no seu sangue. E sabia que essa herança poderia fazer com que de repente ela quisesse mais, dizendo-se: não, eu não quero ser eu somente por ter um eu próprio, quero é a ligação extrema entre mim e a terra friável e perfumada. O que chamava de terra já se tornara o sinônimo de Ulisses, tanto ela queria a terra de seus antepassados.[11]

Assim, a terra de que fala Lóri, sinônimo de Ulisses, com quem ela deseja a ligação extrema, deve ser entendida, no caso de Clarice, como sinônimo dos seus leitores, tanto era importante para ela o diálogo com aqueles que acompanhavam seus textos.

Lóri, assim como Clarice, mantinha o seu diálogo com a empregada antiga que arrumava a casa e deixava o jantar pronto, além de visitar uma cartomante de vez em quando. Mais do que isso, Lóri mantinha o diálogo com Ulisses, e desse diálogo, dessas palavras, e de outras lidas, tudo se modificava para ela: "sou um monte intransponível no meu próprio caminho. Mas às vezes por uma palavra tua ou por uma palavra lida tudo se esclarece".[12]

Assim como Lóri, Clarice entendia que o seu caminho era os outros, e para chegar a eles, e obviamente ao seu caminho, a necessidade que a levou a escrever na imprensa para sobreviver parece ter sido fundamental, funcionando mesmo como mola propulsora. Do mesmo modo que Ulisses foi, aos poucos, se tornando íntimo, conselheiro e companheiro, os leitores com os quais dialogava na coluna semanal do *JB* desempenharam o mesmo papel para a autora.

Talvez pelo fato inconteste de não oferecer aos seus leitores a realidade como um dado imóvel, acabado, mas como dinamismo, processo, Clarice Lispector tenha atraído um público constante e cativo para os seus textos.

Notas

1. PAIXÃO, Perlingeiro Sylvia. "O prazer da aprendizagem". In: *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, p. 7.
2. LISPECTOR, Clarice. _____. *A descoberta do mundo.* Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.140.
3. _____. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, pp. 79-80.
4. _____. *A descoberta do mundo.* Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 91.
5. _____. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, pp. 154-155-156.
6._____.*A descoberta do mundo.* Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 98.
7. MANZO, Lícia. *Era uma vez: eu: a não ficção na obra de Clarice Lispector.* Juiz de Fora: Editora UFJF, 2001, p. 107.
8. LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo.* Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 470.
9. Idem, Ibidem, p. 169.
10. MANZO, Lícia. *Era uma vez: eu: a não ficção na obra de Clarice Lispector.* Juiz de Fora: Editora UFJF, 2001, p.109-110.
11. LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, p. 51.
12. Idem, Ibidem, p. 64.

Resumo

Este texto analisa a relação que Clarice Lispector estabeleceu na coluna semanal que assinou no *Jornal do Brasil* entre os anos de 1967 e 1973, verificando como ocorreu uma aproximação cada vez maior de Clarice com seu público leitor. Com o arejamento propiciado pela mídia impressa, os escritos claricianos – muitos deles trechos de romances e contos da autora - foram definitivamente se transformando de palavras de exílio em palavras de encontro. Nesta travessia, da clandestinidade à liberdade, Clarice Lispector foi seu principal personagem e, em diversas situações, pode ter figurado os próprios leitores com quem afirmava trocar correspondências. Os textos desta fase, reunidos em *A descoberta do mundo,* são objeto de análise deste texto, que verifica como a autora aproveitou o espaço jornalístico para exercer a intratextualidade em sua obra, fazendo a releitura e reescrita de seus textos. Analisa como a obra de Clarice Lispector representa uma reflexão sobre a linguagem e as dificuldades que permeiam o processo criativo. Foi tema recorrente da autora a discussão sobre a palavra, a escrita, seus obstáculos e suas conquistas.

Palavras-chave

Clarice Lispector, linguagem, leitores.

Abstract

This text analyses the connection that Clarice Lispector developed through the weekly section she used to write for the Jornal do Brasil Newspaper between 1967 and 1973, observing how it have been established an increasing affinity between Clarice and her public. After undergoing the softening aspects of the press, her works – many of them extracts of her novels or her short stories – definitely started a process of changing since isolating words were gradually replaced by sharing words. Throughout this path from clandestineness to liberty, Clarice Lispector herself was her main character. She may have frequently invented the readers described as the ones she used to exchange letters with. The works produced during this period , collected in "The Discovery Of The World", are the object of analysis of this thesis which studies how the author used the newspaper as a source of mass communication in order to carry out the intratextuality in her literary production thus rereading and rewriting her pieces. Analyses as her work as a reflection on language and the difficulties inherent to the creative process. The discussion on the effects caused by the using of words and forms of language, its obstacles and achievements, have been a constant theme for the author.

Key-words

Clarice Lispector, language, readers.